



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Escola Tectônica, Escola Estilística e Ensino de Arquitetura: Limites e Possibilidades de uma Abordagem Tectônica no Ensino de Projeto

*Tectonics and Stylistic in Architectural Schools: Limits and Possibilities of a Tectonic
Approach in Design Teaching*

*Escuela Tectónica, Escuela Estilística y Enseñanza de Arquitectura: Límites y
Potencialidades de un Abordaje Tectónico en la Enseñanza de Proyecto*

COSTA LIMA, Hélio (1)

(1) Professor Doutor, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, PB, Brasil; email:
helioclima.br@gmail.com



Escola Tectônica, Escola Estilística e Ensino de Arquitetura: Limites e Possibilidades de uma Abordagem Tectônica no Ensino de Projeto

*Tectonics and Stylistic in Architectural Schools: Limits and Possibilities of a Tectonic
Approach in Design Teaching*

*Escuela Tectónica, Escuela Estilística y Enseñanza de Arquitectura: Límites y
Potencialidades de un Abordaje Tectónica en la Enseñanza de Proyecto*

RESUMO

Este artigo tem dois objetivos. O primeiro é assinalar a dificuldade de se renovar o ensino de arquitetura e de projeto arquitetônico sem que antes se reconheça a existência de duas concepções do processo de geração da forma arquitetônica que, por serem antitéticas, não podem caber em um mesmo projeto pedagógico – fato cuja consideração é útil para compreensão dos problemas que hoje afligem a formação de arquitetos. O segundo é apontar caminhos para a renovação do ensino de projeto, de forma a apropriá-lo às demandas do presente; e conclui pela necessidade de se estruturar linhas de pesquisas e formação, em nível de pós-graduação em arquitetura, especificamente dedicadas à abordagem tectônica no ensino e na prática do projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, tectônica, ensino, projeto

ABSTRACT

This article has two objectives. It starts remarking the difficulty of renewing the architectural design teaching without recognize that there are two conceptions of the architectural design process which, being antithetical, cannot fit into the same pedagogical project – this consideration is useful for understanding the problems that afflict the architectural schools. The second objective of this work is to point out ways for the renewal of design teaching, adapting to actual demands, and concludes by remarking that is necessary to structure lines of research and teaching at architectural undergraduate and post-graduate courses committed to tectonic approach in teaching and design practice.

KEY-WORDS: Architecture, tectonics, teaching, design

RESUMEN

Este artículo tiene dos objetivos. El primero es el de enfatizar la dificultad de renovarse la enseñanza de la arquitectura y del proyecto arquitectónico sin antes reconocer que existen dos concepciones del proceso de generación de la forma arquitectónica que, siendo antagónicas, no caben en un mismo proyecto pedagógico. El segundo es el de señalar caminos para la renovación de la enseñanza de proyecto arquitectónico con el fin de adaptarlo a las exigencias de la actualidad; concluyendo por indicar la necesidad de la creación líneas de investigación y de formación en posgrado en arquitectura, dedicadas específicamente al enfoque tectónico en la enseñanza y la práctica del proyecto.

PALABRAS-CLAVE: Arquitectura, tectónica, enseñanza, proyecto

1 INTRODUÇÃO

Este artigo foi escrito com base em reflexões assentadas em experiências de ensino de projeto arquitetônico segundo uma abordagem tectônica, ao longo de 35 anos. Nele se busca sublinhar as dificuldades de se renovar o ensino de arquitetura e de projeto arquitetônico, para adequá-lo às demandas do presente, sem que se reconheça a existência de duas escolas de arquitetura que, por abraçar concepções antitéticas do processo de geração da forma arquitetônica, não podem caber em um mesmo projeto pedagógico.

A consideração deste fato, assim como de suas consequências, é útil para a compreensão dos caminhos e descaminhos da formação de arquitetos na atualidade, e, portanto, indispensável para a proposição de projetos pedagógicos apropriados à formação de quadros preparados para enfrentar os desafios que hoje se apresentam.

2 ESCOLA ESTILÍSTICA E ESCOLA TECTÔNICA: UMA DISTINÇÃO NECESSÁRIA

As transformações técnicas que em meados do século XIX foram impostas à produção da arquitetura e da cidade pelo capital industrial, para satisfazer à demanda em termos de edifícios e obras de infraestrutura necessárias à sua expansão, implicaram a quebra do sistema corporativo que regia a prática tradicional do ofício de arquiteto e seu aprendizado, e determinaram o desenho que tem hoje a profissão e seu sistema de formação.

O controle do setor da construção pelas corporações de ofício repousava, até então, na unidade concepção-execução da arquitetura e na manutenção do canteiro de obras como lugar privilegiado da aprendizagem profissional (DUPIRE et AL, 1981). Assim, a subordinação da produção imobiliária à nova ordem produtiva exigia a desintegração dessa unidade, isto é, exigia a separação entre arte e técnica em arquitetura, e a fundação de um sistema formal de ensino profissional independente do canteiro.

A fronteira entre os territórios da arte e da técnica em arquitetura sempre foi conturbada e marcada por conflitos e contradições essenciais. Os dilemas de *Venustas* e *Firmitas*, que permeiam o fazer arquitetônico desde os tempos de Vitruvius, constituem uma verdadeira clivagem – uma superfície de contato que é, ao mesmo tempo, zona de coesão e de fragmentação do pensamento arquitetônico.

As forças que induziram a separação entre arte e técnica na produção da arquitetura no século XIX, promoveram uma desarticulação entre o pensar a forma arquitetônica e o pensar a técnica de construção. Esta desarticulação deu ensejo ao surgimento de duas concepções antagônicas do processo de geração da forma arquitetônica. Tais concepções distinguem duas Escolas de Arquitetura, que desde então subsistem e pautam a prática dos arquitetos e as idas e vindas do ensino de projeto arquitetônico até hoje: a Escola Estilística e a Escola Tectônica.

A Escola Estilística aceita a desarticulação entre forma arquitetônica e técnica de construção. Considera, portanto, que a concepção da arquitetura independe das questões relacionadas à sua materialização. Assim, rejeita submeter o projeto arquitetônico aos problemas de construção – que entende como “coisas de engenheiro”, e como restritivos da criatividade do arquiteto e da dimensão artística da arquitetura.

A Escola Tectônica não aceita essa desarticulação, porque entende que a concepção da forma



arquitetônica é indissociável das questões relacionadas à sua materialização. Considera os elementos construtivos e o caráter mecânico da construção como mananciais de força expressiva à disposição do arquiteto, e não como um obstáculo à sua criatividade e à poiesis em arquitetura. Sendo assim, vê o conhecimento e a prática da construção como indispensáveis ao arquiteto para a realização do projeto.

Assentadas em concepções tão diametralmente opostas, essas Escolas, obviamente, não podem se abrigar sob um mesmo guarda-chuva pedagógico. Esta assertiva, que é de importância central para o que aqui se pretende demonstrar, pode ser ratificada através de um breve panorama histórico.

3 OS CONFRONTOS ENTRE ESTILÍSTICA E TECTÔNICA E SUAS ESCOLAS

Essas duas escolas coexistem sob diferentes formatos e denominações desde a sua gênese no século XIX – às vezes separadas em espaços físicos e institucionais específicos, às vezes compartilhando um mesmo teto. Porém, sempre em uma relação conflituosa, marcada por disputas ferrenhas e por uma curiosa alternância histórica em termos de prestígio e influência sobre a produção da arquitetura e sobre o ensino de projeto.

No campo da formação de arquitetos, a primeira consequência das transformações técnicas impostas à arquitetura pela Revolução Industrial na Europa foi o surgimento, em meados do século XIX, de um sistema de ensino formal bipartido, visando objetivos distintos e segundo currículos escolares marcadamente diferentes: os cursos de Belas-Artes, ou acadêmicos, e, os cursos politécnicos. Os primeiros se reservando o papel de repositórios das tradições arquitetônicas, e os segundos almejando formar competências técnicas para responder adequadamente às demandas da modernidade.

Mas, seria simplista dizer que essa primeira bipartição já estabelece uma nítida distinção entre a Escola Estilística e a Escola Tectônica, identificando-as com as academias de Belas-Artes e os cursos politécnicos respectivamente. Os paradoxos que permeiam essa matéria não permitem raciocínios lineares. Como dito mais acima, a clivagem sobre a qual repousa a gênese dessas duas Escolas, emana de contradições internas à própria arquitetura, geradas por tensões existentes na zona de fronteira dos territórios de *Venustas* e *Firmitas*.

O debate sobre a tectônica em arquitetura, por exemplo, nasceu dentro das próprias academias de Belas Artes, e provocou uma cisão entre os defensores do neoclássico e os adeptos do neogótico – estes últimos tendo elaborado o primeiro discurso efetivamente estruturado e explícito a respeito da tectônica na arquitetura (FRAMPTON, 1995). Sabe-se também que os arquitetos oriundos dos cursos politécnicos eram tímidos quanto a assumir o caráter mecânico da construção como linguagem estética, e por isso recorriam ao ornamento, afim de “decorar” (que, não por acaso, significa dar decoro) as suas construções que, nuas, pareciam indecorosas aos olhos da época – um comportamento que não pode ser considerado propriamente fiel ao discurso tectônico.

Nada é mais ilustrativo dessas ambiguidades do que as gares ferroviárias concebidas pelos arquitetos daquele tempo, sejam eles oriundos das Academias de Belas-Artes ou das Escolas Politécnicas. As naves de abrigo dos comboios e das plataformas de embarque – o lado progressista – lançando mão de estruturas metálicas que deixavam explícito o seu caráter mecânico; enquanto os pavilhões de entrada – o lado conservador – eram concebidos segundo os dogmas arquitetônicos acadêmico-historicistas.



Apesar desses paradoxos, não se pode negar que as academias de Belas-Artes são o berço da Escola Estilística, e que os cursos politécnicos são o campo onde germinou a Escola Tectônica.

Como templos do cultivo das tradições acadêmicas e dos estilos históricos, e vendo com desconfiança e desdém a revolução estética que as novas técnicas de construção estavam impondo à arquitetura, as academias de Belas-Artes presidiram a produção de arquiteturas figurativas, revivalistas e fartamente ornamentadas, como as neoclássicas e ecléticas, que prevaleceram nos edifícios das instituições públicas e residências luxuosas até as duas primeiras décadas do século XX, e consolidaram a ideia central do pensamento estilístico de que, em arquitetura, as vaidades de *Firmitas* não se submetem ao pragmatismo de *Venustas*.

Os cursos politécnicos, ao privilegiar os aspectos técnico-construtivos e a inovação neste campo, animaram a produção de uma arquitetura utilitária voltada para a satisfação das demandas da Era Industrial, e assim forjaram as bases da revolução técnica-estética que resultou na arquitetura moderna e sua pedagogia específica – materializada na maior experiência de ensino profissional de todos os tempos neste campo, a Bauhaus, a primeira Escola Tectônica propriamente constituída.

A Bauhaus, ao conciliar em seu currículo os domínios da arte e da técnica, antes polarizados, formou quadros para a produção de uma arquitetura que, coerente com a utopia político-social da modernidade, rejeitou o ornamento e os estilos históricos, e vislumbrou na tectônica, isto é, nas possibilidades de expressão abertas para a arquitetura pelos novos materiais e técnicas de construção, um dos argumentos centrais da sua linguagem estética inovadora: a “verdade construtiva”.

O ensino moderno de arquitetura, como se sabe, não surgiu como uma alternativa ao ensino acadêmico, ou algo que com este pudesse conviver, mas, como um modelo pedagógico que, sendo parte de um projeto político-social revolucionário, vinha para erradicar aquilo que representava a manutenção do *status quo* neste campo. O teor e o tom dos famosos manifestos modernistas da época, a exemplo de “*Ornamento e Delito*”, de Adolf Loos (LOOS, 1908), e “*Por uma arquitetura*”, de Le Corbusier (CORBUSIER, 1923), não deixam dúvidas quanto a isto. Havia uma postura de confronto, de oposição radical, a uma concepção de ensino e prática da arquitetura considerada conservadora, reacionária, retrógrada.

São famosas as polêmicas e pelejas que marcaram mundo afora, inclusive no Brasil, o banimento do ensino acadêmico e a consolidação do ensino moderno nas escolas de arquitetura. Os modernistas, que se acreditavam representantes daquilo que seria futurista, avançado, revolucionário, enfim, fadado a se tornar hegemônico, baniram o ensino acadêmico (estilista) e impuseram um modelo de ensino de arquitetura que vigorou do entre guerras europeu até os anos 1980.

Mas, isto não significou, como a muitos pareceu na ocasião, e a muitos continua parecendo, que o estilismo e seus ideais foram erradicados. Estes se mantiveram discretamente ardendo sob as cinzas do ecletismo, na forma de um ecletismo-tardio que, embora banido das escolas de arquitetura, continuava vivo e produtivo, gozando, inclusive, de considerável prestígio: a arquitetura tardo-eclética que foi produzida paralelamente à arquitetura moderna nos anos 1930 a 1970, não pode ser considerada marginal na construção da fisionomia das cidades.

A partir dos anos 1980, com o esgotamento da utopia modernista e o conseqüente desprestígio da arquitetura moderna, acusada injustamente de fundar um racionalismo arquitetônico desprovido de poesia e humor, viu-se ressurgir os ideais da Escola Estilística –

agora abrigados sob o amplo guarda-chuva do multifacetado discurso pós-moderno, preconizando uma arquitetura figurativa que encontrou na crescente demanda de *image-making* da Sociedade do Espetáculo, um terreno fértil para os seu desenvolvimento e prestígio.

A arquitetura produzida desde então, retrata não apenas mais um episódio da alternância histórica do prestígio das duas escolas antitéticas, mas, também, a sua coexistência. De um lado, como testemunho do triunfo do estilismo, um predominante neoecletismo – que congrega correntes historicistas e correntes ditas “high-tech”, além de um híbrido destas duas – responde à ampliada demanda por arquiteturas de imagem impactante e novidadeiras. Do outro, ainda que marginalmente, persiste a produção de uma arquitetura que encontra na arte da construção a sua força poética, demonstrando que, embora acuada, a Escola Tectônica continua viva.

Hoje, as novas bandeiras políticas e sociais e as transformações técnicas em andamento desenham um quadro de inquietação dentro dos cursos de arquitetura, que aponta para a necessidade de uma revisão de conceitos e valores da arquitetura e de uma renovação do ensino de projeto arquitetônico.

4 A SITUAÇÃO E AS PERSPECTIVAS ATUAIS

O recrudescimento da questão ambiental e do direito à cidade e à moradia, e o uso dos computadores como ferramenta de projeto, não deixam dúvida de que se vive hoje um momento de inflexão que, muito à semelhança do que motivou a revolução técnico-estética modernista, impõe transformações da prática da arquitetura e, por extensão, do ensino profissional, que desenham um horizonte favorável à revalorização da Escola Tectônica e seus ideais.

Entretanto, a novidade não é o esgotamento do espaço de prestígio da Escola Estilística; pois a demanda de arquitetura como estratégia de marketing (*city-marketing, image-making, corporate image building...*) está em pleno vigor e franco crescimento. A novidade é a explosão da demanda por moradia e serviços públicos decentes, que a pressão social contida por décadas a fio reabre e desafia os arquitetos nos países em desenvolvimento a apresentar soluções criativas.

O enfrentamento dos problemas de arquitetura colocados por essa crescente demanda social exige a formação de arquitetos com conhecimentos aprofundados em técnicas de construção, eficiência energética e custos das decisões projetuais, e, sobretudo, com desenvolvida capacidade de projetar aliando qualidade arquitetônica (material e artística) a baixos custos de produção e de manutenção, e a reduzido impacto ambiental. Este é o campo de cultura específico da Escola Tectônica de arquitetura. Este é o momento propício para reestruturá-la e colocá-la em ação.

Esta janela de oportunidades vem sendo percebida há algum tempo. Novos espaços foram abertos para uma reflexão sobre a tectônica em congressos e mesas redondas; livros, artigos, teses e dissertações, têm sido publicados sobre o assunto; e têm sido observadas mudanças em estruturas curriculares, com introdução de novas disciplinas, na graduação e na pós-graduação, além de experimentação de novos métodos de ensino e revalorização da “mão na massa” nos canteiros experimentais.

Entretanto, em que pese o caráter oportuno e alvissareiro dessas ações, a sua repercussão sobre o ensino e a prática de projeto arquitetônico tem se mostrado de alcance limitado. As causas desse problema são múltiplas e de natureza diversificada, porém, a mais importante, porque precede e condiciona as demais, é o impasse gerado, dentro dos cursos de arquitetura, pela coexistência de duas abordagens divergentes no ensino de projeto arquitetônico, a estilística e a tectônica, que, por serem ideologicamente divergentes quanto ao papel social da arquitetura, não podem se orientar pelas mesmas diretrizes pedagógicas.

5 CONCLUSÕES

Enquanto este impasse e suas consequências não forem reconhecidos, toda ação que se pretende transformadora do atual sistema de ensino profissional em arquitetura, para introduzir uma abordagem tectônica do projeto, será apenas pontual, e, embora não seja de todo inócua, terá alcance limitado. Dentro deste quadro, tentar ações diretas transformadoras do ensino de graduação é uma estratégia pouco eficiente. Sob a égide das estruturas curriculares de ensino de arquitetura consolidadas no Brasil, que, sem querer ou sem saber, promovem a desarticulação entre o pensar a forma arquitetônica e o pensar a construção, a Escola Tectônica tem poucas chances de se impor e operar de forma eficaz.

Por outro lado, falta pessoal docente com formação e experiência para atuação no ensino de arquitetura segundo essa ótica. Diversos concursos públicos realizados para contratação de professores para o ensino de projeto com ênfase em tectônica em cursos de arquitetura de IFES brasileiras não lograram selecionar candidatos. Urge, portanto, formar pessoal docente com qualificação específica nesta área.

Assim, sem prejuízo das ações que estão hoje sendo estoicamente realizadas nos cursos de graduação, a implantação de um ensino de projeto de arquitetura segundo uma abordagem tectônica será mais consistente, eficaz e duradoura, se forem estruturadas linhas de pesquisas e formação, em nível de pós-graduação em arquitetura, especificamente dedicadas à abordagem tectônica no ensino e na prática do projeto, visando especialmente:

- Fundamentar a Escola Tectônica de Arquitetura e sua pedagogia.
- Propor métodos de ensino e projetos pedagógicos específicos.
- Contribuir para o aperfeiçoamento do sistema de formação de arquitetos.
- Formar docentes e pesquisadores especializados neste campo

REFERÊNCIAS

- DUPIRE, A. HAMBURGER, B. PAUL, J. C. SAVIGNAT, M. THIEBAUT. *Dux Essais sur La Construction*. Bruxelas: Pierre Mardaga, 1981.
- FRAMPTON, K. *Studies in Tectonic Culture – The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*. Chicago: Graham Foundation for Advanced Studies in the Fine Arts/MIT, 1995.
- CORBUSIER, Le (1923). *Vers une Architecture*. Paris: Flammarion, 2005
- LOOS, Adolf (1908). *Ornamento e Delito*. Tradução de Anja Pratschke, São Carlos: EESC-USP, 2001-2002. Em formato pdf.